

A  
RENASCENCA

1914



# A Renascença.



REVISTA DE  
CRITICA  
LITERATURA  
ARTE

*Monteiro 1914*

N.º 1

LISBOA

FEVEREIRO DE 1914



# : A RENASCENÇA :

REVISTA MENSAL DE CRITICA \* LITERATURA

PROPRIETARIO E DIRECTOR — CARVALHO MOURÃO

ARTE \* SCIENCIA

REDACTOR — COELHO PACHECO

♦ ♦ ♦ ♦

EDITOR E ADMINISTRADOR — A. TAVARES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

T. CAIS DO TOJO, 19, 3.º, Esq.

Composto e impresso na Tipografia do Anuário Comercial — Praça dos Restauradores, 27 — LISBOA.

## DE INICIO ...

*Eis-me, A RENASCENÇA! Leitor amigo, ouve-me! Estou vendo em ti o olhar desconfiado, sceptico, com que me lêes, desiludido já por tantas minhas companheiras que, abusando da tua boa fé, apenas conseguiram que as olhasses com desdem, deixando-as, aborrecendo-as, odiando-as!*

*Pobres delas!*

*Tu, leitor cruel, não creste, que aparte uma sempre desculpavel ambição economica, as alimentava uma sombra de sentimento sincero, uma vontade sã de te servir?*

*Por elas todas eu me ergo! Por elas todas eu quero viver!*

*A minha ansia és tu! A minha vida será a minha ansia!*

*Que mais sinceridade exiges da minha voz? A que mais alto sentimento aspiras, do meu peito?*

*Sou pobre! Eu sei. Dou-te porém toda a minha arte.*

*Sou a tua lira; então o melhor que posso.*

*Se te não deleitarem meus acordes, sofrerei sósinha, desiludida, infeliz!*

*Se porem sentires todo o meu sonho, procurarei voar, voar, aventurando-me no éter confuso e indeciso onde tantos limites se buscam e se não atingem, e se no meu caminho vago, idealista, encontrar qualquer novo fulgor divino, subtil, vaporoso, que tu possas sentir tão bem como eu, tranto-hei dentro em minha alma para te poder deslumbrar com o encantamento leve, apaixonante do seu verbo, que tanta vida nos dará, porque a ambos nos alimenta!*

*Eis o meu compromisso. Eis o meu intento.*

*Se o aceitares, saberemos ambos ser felizes, porque compreenderemos a maneira de atingirmos o nosso sustento, o nosso pão, a nossa Arte.*

A RENASCENÇA.

220  
2245

## ❖ OS CRAVOS VERMELHOS ❖



CONHECIA-O de o ver passar á minha porta :  
Triste, pálido, a calça esgarçada nos joelhos,  
Um fumo no chapéu, na mão cravos vermelhos, —  
Ramo de sangue em flor que um fantasma transporta.

Quem era? Nunca o soube. A dôr que nos importa?  
Sempre os cravos, — p'ra quê? Fantasias de velhos.  
— «Sabe para quem são esses cravos vermelhos? —  
Disse-me um dia alguém. — São para a filha morta.

Vai-lhos sempre levar de tarde ao cemiterio... »  
Depois, deixei de o vêr. Onde andava? Misterio.  
Sobre a cova, talvez, a resar-lhe de joelhos...

Um dia, num jardim, atrai-me a multidão :  
Um velho déra um tiro em pleno coração  
E pendiam-lhe as mãos sobre cravos vermelhos.

JULIO DANTAS.

# ◡ ALEM ◡

de Petrus Ivanovitch Zagoriansky

(fragmento)

a M.<sup>lle</sup> Marfa Ivanovna Zagoriansky,  
irmã do Poeta — esta interpretação por-  
tuguesa é comovidamente dedicada.

I.



GRAVAM pelo ar naquela tarde loira efluvios róxos  
d'Alma e ansias de não-ser.

Mãos santas de rainha, loucas d'esmeraldas, da-  
vam arôma e rócio á brisa do crepusculo.

O ar naquela tarde era saudade e além...

.....  
E as asas duma quimera, longinquamente batendo, a un-  
gi-lo d'irreal...

.....  
Lufadas de folhas mortas, todas cheirosas a sombra...

.....  
Um ar que sabia a luz e que rangia a cristal...

.....  
E muito ao longe, muito ao longe, as casas brancas...

2.

Na grande alcôva da vitória, toda núa e toda ruiva, eu  
tinha-a finalmente estiraçada sobre o leito fantástico da Côr.

Linda espiral de carne agreste — a mais formosa enchia  
para mim os olhos de misterio, sabendo que eu amava as on-  
das de estranheza...

E os seus braços, de nervosos, eram corsas...

E os seus labios, de rubros, eram dôr...

◆ ALEM ◆

No jardim, os girassois não olhavam para o Sol...

.....  
Verguei-me todo sobre ela...

A hora esmaeceu...

O ar tornou-se mais irreal...

Houve um cortejo de estrelas...

.....  
Em face daquela glória, que tumultuava tão perto, que me ia sagrar enfim, os meus olhos eram esforço e a minh'alma um disco d'ouro!...

.....  
A louca acerava as pontas dos seios, para os tornar mais acres, para me ferir melhor.

E os meus lábios d'ansia, sofriam já da saudade dos beijos que lhe iam dar...

.....  
Ao longe sempre as casas brancas...

3.

...E foi então quando eu já me sentia entrelaçado d'ouro, sagrado d'além-côr, quando era todo encanto em laivos de infinito — que o instante abateu e me desencantei...

Sobre o seu corpo de equilíbrio — uivos d'horror! uivos d'horror! — cabriolante se elançara a teoria arrepiadora dos angulos agudos, zombando estridentemente dos redemoinhos e das curvas...

Gumes brutais, turbilhões silvantes, linhas quebradas destruidoras — tudo sulcavam! tudo sugavam!... A limpidez! A limpidez!...

— Pavor sem nome!...

E uma gaiola picaresca de losangos veio descendo guturalmente a desnudar-lhe a carne nua — de toda a côr, de todo o som, de todo o arôma; encerrando-a, a girar em volta dela numa vertigem monstruosa de circulos enclavinados, impossiveis!...

◆ ALEM ◆

Toda a beleza em estilhaços gritava-me que lha salvasse...

E o meu olhar — que saudade! — não lhe podia valer...

.....  
As casas brancas não perdôam! As casas brancas não perdôam!...

4.

Triste de mim, sem dôr, a oscilar, ainda todo vibrante...  
Queria mentir a mim mesmo, queria voltar — mas tudo me resvalava...

A' força de ilusão, volvi-me uma grande mentira: fui Príncipe sem rei, iluminado a luz falsa — luz que não soava, e era ôca, deserta e média...

— Para quê? Para quê?...

Breve o meu corpo tombava na terra firme, anoitecido em alma — e tudo ruía ao meu redór: asas de insônia, galeões dourados, torres de prata, zimbórios d'ouro... Tudo ruía — mas tudo ruía em sortilégio, noutras ruínas: o ouro, em seios perdidos; a prata, em glória abandonada...

.....  
Só as ruínas das casas brancas eram ruínas de casas brancas!...

Paris — Janeiro de 1913.

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

---

NOTA.—Foi em outubro de 1912, poucos dias depois da minha chegada a Paris — onde fôra inscrever-me na Faculdade de Direito — que eu conheci Petrus Ivanovitch Zagoriansky, natural de Moscou, cuja perturbadora história narrarei no meu proximo volume. Extraordinario artista, poeta admiravel, legitimo criador duma Arte inteiramente nova — o seu convivio intimo dalguns mêses teve uma influencia poderosa sobre a minha evolução literaria. Por desgraça, desse artista genial apenas nos resta o texto que hoje publico. Zagoriansky nunca imprimira coisa alguma, e numa crise subita de loucura destruiu (?) todas as suas obras que formavam um unico Poema e que eu fui um dos raros a conhecer. A sua loucura muito estranha deixou perplexos os alienistas que o examinaram. Perdidas todas as esperanças, a sua



## ✧ ALEM ✧

familia, que habita Paris, internou-o numa casa de saúde proxima de Meudon. As ultimas noticias que recebi do desventurado dão-no como gravemente enfermo duma tuberculose muito adeantada. Julguei pois ser ocasião de publicar o unico fragmento que escapou do Poema. Petrus Ivanovitch confiara-me a copia dactilografada deste trecho, que éle proprio traduzira literalmente para francês e que eu — sob a sua direcção — adaptei ao português, esforçando-me por manter o ritmo do original e as mesmas consonancias. De resto, mais do que no *sentido*, a Arte do russo residia no timbre cromático ou aromal do som de cada frase e no *movimento* peculiar a cada «circunstancia» dos seus poemas. Embora a sua grande beleza, a minha interpretação está — bem entendido — muitissimo longe da maravilha em sugestão ritmica que era o texto russo de Zagoriansky. — MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

## ✧ ESPIRITUALISMO ✧



ANSEIO insofrido! — todo envolto  
E levado nas ondas desse vento, —  
Para mundos bem longes, asas sólto,  
Num espiritual contentamento!

Que longo vôo extático e ligeiro!  
E passo os montes, e entre os sóis divago,  
Quando me surges lá, em nevoeiro,  
Como um corpo de ondina á flôr dum lago . . .

E vens, sorrindo vens . . . (imenso o amôr,  
Divino o amôr que põe, assim em flôr,  
Todo o teu corpo de árvore nubente! . . .)

. . . Pelos Jardins-das-Nuvens deslizamos . . .  
Sob o pάλio dos sóis, resplandecente,  
Deus perpassa nos beijos que trocamos.

Lisboa, 1912.

CELESTINO RODARTE DE ALMEIDA.

## : ZIZI :



ós somos vizinhos. Elisa e Mario móram por cima de mim, no quarto andar direito.

Aí, na mansa paz da nóssa alégre e honésta ruasinha entreteceu o amór desses dois noivos na flór da vida um ninho delicióso e quente. Ele e éla são duas criaturas cativantes, queridas de todos e bem educadas. Ele é empregado superior dum escritório industrial. Ela é bonita, muito bonita, com uns olhos azuis rasgádos que nos fálam á alma porque a alma fála por eles. O seu rosto harmonióso tem a frescura delicada dum botão de rósa orvalhado.

Amam-se os dois religiósamente, com serenidade, convictos de que vieram a este mundo para se amarem. Todas as manhãs, como a cumprir um dever imperióso, Elisa assóma á janéla do «boudoir», radiante de amór, desassocegada por se apartar dele, seguindo-o, mais com o coração que com a vista, não vendo senão Mario entre os transitantes afadigados. Ao tornear da esquina, ele volta-se e sorri. E' um casal de andorinhas em abril, mas num abril eterno, de ceu azul e de campos em flór.

Ha três anos que somos vizinhos. Vencido da vida, melancólico e triste no recolhimento desesperádo da minha tortúra de vivêr, olhára até então com átona indiferença Mario e Elisa, os venturósos noivos. Disperto pouco a pouco da apatía cruel da minha vida, comecei a corresponder á graciosidade da minha vizinha com a delicada afabilidade dum homem bem educádo e sensível. Mas o pretexto, ou, direi melhór, a causa verdadeira foi sua filhinha Zizi. Zizi tem dois ános e meio. E' linda como os amóres. Fála já, sempre a sorrir, naquéla algaravia deliciósa da sua idade, enleáda no mundo restrito do seu pequenino cérebro.

Como se estreitáram as nossas relações, não sei. Reconstituo apenas os meus idílios á janéla, com a Zizi, e vejo-a ainda acenando-me com a sua papúda e rosáda mãozita, no regáço carinhóso de sua mãe. Toda no prazer de viver a alma de sua filha, a minha vizinha sorria tambem, delicadamente. Nunca a sombra dum pensamento impuro, perturbou o respeito com que eu cumprimentáva, cerimoniaosamente de principio, alégremente mais tarde, aquéla que pouco a pouco fui aprendendo a estimar «in petto» como digna da admiração dum hómem, como eu, de espirito sensível, habituádo a vér no sexo frágil a espiritualisação irreal da carne sexualisáda, nas idealisações nevroticas dum cerebro doente.

Visitávamo-nos já. Frequentes noites, a convite carinhóso de Mário, subia sensibilizádo os vinte degráus da máil ilumináda escáda e acháva-me no seio agasalhádo dos meus amigos. Zizi raras véses estava acordada.

Quando tal sucedia, não era sem um intimo alvoroço de comoção, que eu a acariciava brandamente, receoso como um sacrilego que profana um crucifixo aureolado de Cristo e sente tremerem-lhe as mãos ao tocar o metal esbrazeado do corpo do Nazarêno. As mais das vezes dormia já no immaculado berço de roupas arrendadas pelos artífices mais surpreendentes dos discipulos do amor: os dedos duma mãe carinhosa.

Falava-lhes de varias coisas como pretexto de expandir a alegria da minha alma e para aturdir a perturbação daqueles momentos suaves mas sensibilizadores. Sorriam me e falavam-me da Zizi, das suas gracinhas, duns pequeninos nadas, dumas gentis frasezinhas da Zizi que os enchiam de jubilo por compreenderem que a sua filha, a quem tinham dado o sêr, era como que a materialisação daquele grande amor que os assoberbava. Outras vezes falavam-me de risinhos projectos, de futuros ideais em que anteviam a sua querida filhinha, já uma menina encantadora, linda e alegre como uma graça divina. Eu compreendia que Zizi era a mesma razão de viver daqueles dois venturosos amantes e perguntava muitas vezes a mim proprio o que seria deles se um dia essa criança lhes faltasse.

A nossa amizade foi-se diluindo pouco a pouco nas ambrosias da intimidade e quando Zizi prefez quatro anos, nós eramos, quasi sem ter dado por isso, verdadeiros amigos. Mário era, ha algum tempo, meu camarada de trabalho e não tinha segredos para mim. Elisa queria-me como a um verdadeiro irmão, honestamente, carinhosamente. Zizi era os meus encantos. Chamava-me o tio Li e era raro o dia em que me não comprava por um beijo, maldosamente rogado, tantas vezes repetido, uma guloseima que eu tinha mais prazer em lhe dar que ela em a receber. Passavamos as tardes juntos, Zizi nos meus joelhos, travessa e desinquieta como uma borboleta ao sol da madrugada. A' noite contava-lhe historias e quando estas eram mais demoradas ou quando o sono se antecipava não raras vezes adormecia, limpida e serena, nos meus braços profanos. Quedava-me então, sustendo a respiração, receoso de despertar o sono daquela inocente criancinha, envolvida a alma na tranquila suavidade que o sorriso dos seus pequeninos labios traduzia.

E idealisava alucinado, sonhos perturbadores de deserddado do mundo, divisando entre vultos irreais de sílfides hialinas, o raiar inatingivel de desassocegadas visões. Sustinha-me extático, átono, relendo passos soltos da minha vida na apatía duvidosa da insensibilidade. E era quasi sempre Elisa que me despertava deste viver longinquo, roubando-me dôcemente dos braços aquele anjo do seu amor, a cuja pureza e a cujo delicioso encanto, juntava a comovedora nota do carinho maternal.

Uma vez — a primeira — Mário faltou á hora habitual, ao escriptorio em que trabalhávamos juntos. Aquele dia foi bem longo para mim. Presentia, sem saber porquê, que a razão daquela desuzada ausencia não podia deixar de ser funesta para o meu amigo. Prestando um motivo qualquer inverosimil, deixei o escriptorio, uma hora antes do seu encerramento e dirigi os meus passos ansiosos para casa. Na mesma corrida, subi ao quarto andar, e detive-me no patamar da escada do meu amigo.

Tive que descansar um pouco, tal era a comoção que se apossara de mim. Batiam-me as fontes violentamente, sentia no peito uma opressão dolorosa, menos talvez pela propria carreira do que pelo inexplicavel pressentimento que me torturava. Compreendi então que naqueles poucos años de convívio, o affecto se enraizára bem mais profundamente do que eu imaginava no meu devastado peito, virgem da imagem duma mulher amada, sófrego dum hálito de vida em que pudesse fixar a inconstancia do seu sentimento, vazio até desse amor que preenche só por si a essencia da existencia: o amor de mãe. Compreendi e chorei.

Oh! lágrimas bem-aventuradas essas, porventura as primeiras que a minha alma chorou e que viêram desvendár inesperadamente dentro em mim, a força consciente do desejo de viver para alguém num anseio mais fórte que o de irreáis visões impossuidas.

Bati. Mário, sem ruido, veio abrir e não ficou surprêso com a minha visita. Explicou-me. Zizi adoecêra.

A tanto montáva darem-me subita punhaláda. Aparentei confiança e animei-o. Sorriu-se como quem agradece uma próva de amizade e levou-me a vê-la. Pálida, com os ólhitos semi-serrados, éla lá estáva no mesmo berço de rendas finas, junto ao quá Elisa, branca como jáspe, veláva a pequenina doente, sem desfitar os olhos das faces descoloridas da sua idolatrada filhinha. O médico saíra, havia pouco, prometendo voltar. O caso não era de cuidado, dissêra, desde que não sobreviêsem complicações, e que houvesse os maximos cuidados com a doente. E o pái repetia religiosamente as palábras do médico, na sala contígua, esperançoso porque élas não eram de máu significado, como eu lhe afirmáva abafando os preságios funestos da consciencia e trucidando nestas tragédias intimas da alma as fibras mais ocultas do meu exangue coração.

Falécem-me as forças, ainda agóra, para descrever ordenadamente o que se passou depois. Julio não voltara ao escriptorio. Eu continuava a saír mais cêdo, ancióso por informar-me das melhóras, felizmente sempre progressivas, de Zizi. Entráva então naquele vestibulo tão meu conhecido, onde outróra a tomáva nos braços, num frémito de toda a

## ❖ ZIZI ❖

minha alma, sentindo vibrar, ao timbre graciôso daquêla voz tão terna, num frouxo veemente e desordenado, as nôtas mais pungentes do meu idealismo. Olháva-o e via-o deserto. E sentia em mim um vácuo infinito, um vácuo pesado e torvo que me aturdia.

As melhóras continuávam intermitentes e demoradas. Doía-nos ouvir aquêla criancinha que ainda ontem ria e faláva alégremente na dóce ilusão das suas deliciosas primavéras, gemer dolorosamente entre as lágrimas furtivas de sua mãe, entre o abafado soluçar da alma do meu amigo.

Passára uma semana. Nesse dia, pela manhã, as notícias tinham sido animadoras. Zizi acordára socegada, viva mesmo, mostrando nos lindos olhos azuis, rasgados como os de sua mãe, umas águas daqueles lampejos de harmoniôsa luz que da sua pequenina alma iluminavam a nossa, carinhôsa, brandamente. O pái falára-me nesse dia com mais animação que de costume, tendo já uma fé absoluta na cura da sua filhinha que ele via boa dentro dum mez, e que na sua adoravel fantasia de pái transportava para uma linda casinha de campo, risonha e alégre, onde passaria a convalescença, sossegadinha e contente...

Pobre ilusão a desse pái! Mais que a fantasia carinhôsa do amor dele, pôde a crua realidade da sorte, o ímpio capricho do destino!

Nessa mesma tarde, vítima dum ultimo acêsso, Zizi espirou nos braços de seus páis que olhavam alucinados aquele corpinho de inocente arrebatado pelas garras assassinas do tenebrôso espectro da Mórte.

Onde poderia eu encontrár, nas repungidas córdas do meu sentimento, fôrças para resistir impunemente a tão violento golpe? Egoísta na propria diluição da dôr, egoísta até na partilha das lágrimas devidas a uma alma em flôr que se evôla da luz ridente desta vida sorvida pelas trévas angustiôsas do Alem, fugi, isolei-me bem longe de tudo e de todos nesta solidão ignôta em que vivo, apartado da vida e da consciencia.

Que sorte tiveram Elisa e Mario? Quantas vêses formulo esta pergunta que me tortura com a sombra opressôra da misteriôsa resposta.

E, afinal, quem sabe se, no mesmo grande amor que ela significava, não acharam, na mórte de Zizi, o preságio suprêmo, de terem vindo a este mundo, sómente para se amarem na verdadeira felicidade de eternos noivos?

Janeiro de 1914.

LINE.

# Impressões do Crepusculo

## I

**S**INO da minha aldeia,  
Dolente na tarde calma,  
Cada tua badalada  
Sôa dentro da minh'alma.

E é tão lento o teu soar,  
Tão como triste da vida,  
Que já a primeira pancada  
Tem um som de repetida.

Por mais que me tanjas perto  
Quando passo triste e errante,  
E's para mim como um sonho —  
Sôas-me sempre distante...

A cada pancada tua,  
Vibrante no céu aberto,  
Sinto mais longe o passado,  
Sinto a saudade mais perto.

## II

Pauis de roçarem ansias pela minh'alma em ouro...  
Dobre longinquo de Outros Sinos... Empalidece o louro  
Trigo na cinza do poente... Corre um frio carnal por minh'alma...  
Tão sempre a mesma, a Hora!... Baloioçar de cimos de palma...  
Silencio que as folhas fitam em nós... Outôno delgado  
Dum canto de vaga ave... Azul esquecido em estagnado...  
Oh que mudo grito de ansia põe garras na Hora!  
Que pasmo de mim anseia por outra cousa que o que chora!  
Estendo as mãos para além, mas ao estende-las já vejo  
Que não é aquilo que quero aquilo que desejo...  
Cimbalos de Imperfeição... Ó tão antiguidade  
A Hora expulsa de si-Tempo!... Onda de recuo que invade  
O meu abandonar-me a mim-proprio até desfalecer,  
E recordar tanto o Eu presente que me sinto esquecer!...  
Fluido de auréola, transparente de Foi, ôco de têr-se...  
O Misterio sabe-me a eu ser outro... Luar sobre o não contêr-se...  
A sentinela é hirta — a lança que finca no chão  
E' mais alta do que ela... Pra que é tudo isto?... Dia chão...  
Trepadeiras de desproposito lambendo de Hora os Aléns...  
Horizontes fechando os olhos ao espaço em que são élos de erro...  
Fanfarras de ópios de silencios futuros... Longes trens...  
Portões vistos longe... atravez das arvores... tão de ferro!...

## ❖ VISÃO CÉGA ❖

A Mario de Sá-Carneiro



LHAVA-ME ao espelho pela ultima vez, compondo o laço da gravata, e passando depois, as mãos já enluvadas pelas bandas setineas do «smoking».

la ser-lhe apresentado. Ouvi-la hia falar. Oh! A sua voz seria dôce como os reflexos arroxeados dos seus olhos de sonho!

Dela, não sei que vago misterioso, não sei que subtileza vã, me fazia sentir tão longe, a fugir-me, a fugir-lhe, como se eu não fôra deste mundo, no estreitar idealista das minhas ansias pueris e quentes.

E, quanto mais o meu anseio subia, mais o abismo insondavel da distancia se cavava a meus pés:

Ser asa: Ideal supremo, aspiração injusta!

.....  
Mario esperava-me na antecamara.

Sáímos.

\*  
\* \*

Um sonho vago, espiritual de alem, um fumo avermelhado que se nimba em som, uma harmonia que se esvai num pranto cristalino, intermitente; eis a fotografia do meu cerebro quando das pérolas voluptuosas da sua bôca encantada, ingenua, gracil, saíu, como que emoldurada numa suavidade magica esta banalidade cruel e mentirosa:

— Muito gôsto em o conhecer!

Retorqui duas palavras mesquinhas, pequenas, olhei-a.

Era mais bela do que nunca. Do decote malicioso e ridente daquelas sedas simples, perfumadas, um alabastro quente ascendendo incoerencia, voluptualisava-se em linhas esbatidas de espumada sombra, num arrepio tremente dum desejo pequeno, infinito!

A atmosfêra, um etér semi-côr, trazia-nos como em chuva lacrimosa, uns compassos sonóros de musica transcendente.

Dançou. Dançámos.

## ❖ VISÃO CÉGA ❖

Perdido, alucinado, fugi.

Que se passou? Não sei.

Do cenário que me cercava, apenas fumo se evola ainda  
ante o meu olhar cansado de não ver.

Tudo fôra cegueira, e no meu ser eu vi, a desfazer-se em  
sombra, a ponte espiritual, aurea, cravejada em diamantes  
que me levava Alem fôra, sorrindo, a respirar arôma, sobre o  
abismo interminavel da distancia escura.

E... afinal... fiquei!

CARVALHO MOURÃO.

## ❖ ASAS QUEBRADAS ❖



ERGO-ME em luz e fico sepultado  
Na sombra duma luz que se apagou.  
Uma águia côr do vento em vôo errado  
Dentro em meu Ser em bruma penetrou.

Perdeu-se e já cansada foi poisar  
No templo onde de novo ajoelhei...  
Perfumou-se de som, quís-se elevar,  
E na escada do claustro a encontrei.

Tinha as asas quebradas, distendidas  
Sôbre um Cristo da Côr, cujas pupilas  
Eram longes lembranças esquecidas.

Fui águia e vi que a águia que voara,  
Era penumbra de águas intranquilas,  
Ansias do longe em que me sufocara!

(Do livro *Distância*, a sair brevemente.)

ALFREDO PEDRO GUISADO.



## ❖ O JORNAL DELE ❖

24 de Outubro.

**P**ORQUE será que todos me chamam distraído? Porque será que toda a gente conta, quâis histórias do doutor Assis, as minhas supostas *étourderies*? Afinal — estou convencido disso, — todos as fazem, essas tão faladas distrações: esquecer-se a gente do chapéu em casa ou trazer os chinélos para a rua, trincar os dedos ao comer um bocádo de pão, sentarmo-nos numa cadeira sem reparar que já lá estáva alguém, cumprimentár uma pessoa e reparar depois que essa pessoa era um candieiro ou um marco, são outros tantos precalços que sucedem, dia a dia, a toda a gente. Porque será, portanto, que me destacam entre todos e me chamam distraído?

25 de Outubro, á meia noite.

Fui hoje ao Republica e estou radiante. Logo de manhã cedo, mandei reservar um *fauteuil* de balcão de primeira ordem, em evidencia. Passei o dia em casa a escrevêr, e, ás oito e meia da noite, depois de ter feito a barba, repetenei-me cómodamente no meu *fauteuil*.

Se o dissésse em publico chamar-me-iam gabaróla, mas nestas nótas tão sincéras, ás íntimas folhas deste livro confio apenas as confidencias que ao meu melhor amigo não faria. Elas são como o registo da minha alma. E eu fui na verdade, o atractivo da deliciosa noite de espectáculo. Senhóras e cavalheiros, donzelas e anciãos, todos esperavam ansiósamente os entreactos para me fixarem de todos os seus *lorgnons*, de todos os seus binóculos, perscrutadoramente. E cada qual — ah! eu via-o bem, sem no entanto o dar a percebêr — depois de me examinár curiosamente, indicava a minha pessôa ao vizinho, trocava com ele impressões e tornáva a examinar-me com mais curiosidade. Por mais duma vez notei que os meus observadôres se ríam quando me examinávam. Não quiz porem supôr que esse riso tivesse por cáusa algo deprimente para mim. De resto, o riso da turba... Não — a causa era outra. Os meus últimos artigos humorísticos, publicados na folha de Esposende, não eram decerto extranhos á razão dessa curiosidade. E eu que ainda outro dia me insurgia contra a falta de prestigio em Portuga! Decididamente fiquei hoje satisfeito por ter atingido tão facilmente uma notoriedade que afinal me é bem justamente devida.

26 de Outubro.

E' curioso! Esta manhã deu-se comigo um caso inexplicavel que me intrigou deveras. Ao fazer a barba, e quando, depois de ter barbeádo a face direita, ia barbear a esquerda, notei, com justificado assombro, que essa fáce tambem já estava barbeáda. E' verdadeiramente curioso.

Pela copia, J. COELHO PACHECO.

## ❖ O MEZ TEATRAL ❖

**J**ANEIRO viu o insucésso dum drama histórico e o éxito duma revista. Abstraíndo dos méritos e defeitos das duas óbras, tão distanciádas na escála da produção dramática, dois factos contribuíram para o destino vário dos alexandrinos do Tesouro Velho e da sátira da Rua da Palma: o drama veiu fóra de tempo; a revista veiu a propósito.

O drama veiu fóra de tempo. O drama histórico tem as suas épocas propícias, fóra das quáis não resulta, ainda que seja optimo. A não ser nos países eminentemente tradicionalistas, como a Inglaterra, onde com o mesmo respeitoso prazer com que se folheiam velhas estampas, se escutam com interesse as reconstituições históricas, nos outros o éxito das evocações do passádo depende do estado de espírito do momento. Em Portugal, nas horas de maior augustia da nacionalidade, é para a história que volvêmos os desconsolados olhos e, se nesse instante, surgem, num tablado scénico, figuras de heroísmo a arrastar espádas, desafiando ceus e terra e clamando que entre todas as pátrias, a nossa é a primeira, adréguem os finais de acto de serem campanúdos e farfalhantes, que a ovação é garantida e o éxito assegurado.

Desta vez não era a hora muito própria para que um heroe ressuscitado nos contásse a historia dos seus amôres. Ainda que os contásse bem, o espirito público estava distraído. Tinha preocupações várias que o absorviam. Ouviu, não disse que sim nem que não e não voltou máis, o que constitúi uma opinião bem máis interessante — sob todos os aspectos — do que a da critica.

A revista veiu a proposito. Ha quasi dez anos que as revistas vêm sempre a propósito. Optimas, boas, más ou péssimas, têm sempre público e têm sempre aplausos. E escusam de chamar estúpido ao público, que é tempo perdido. As revistas agradam-lhe. Em primeiro logar porque os autores fazem sempre a diligencia por lhe agradár, lisongeando-lhe as paixões, ainda as máis mesquinhas; em segundo logar porque a revista é o género de teatro que corresponde absolutamente ao estado

## ❖ O MEZ TEATRAL ❖

gerál de anarquía mental em que vivêmos, ha dez anos quasi... A revista é a sátira; é a irreverencia; é a grosseria, ás vêses. Hoje é a apoteóse, amanhã a ironía ou será o escarneo se preciso fôr. As suas cabeças de turco são os homens do momento. A sua fábula são os acontecimentos que vão passando. E, como vamos vivendo dia a dia, sem estabilidade de espécie alguma, apupando hoje o que ontem vitoriávamos, não sabendo nem aquilo que queremos nem aquilo que nos convem, baralhando as classes e as castas, destruindo sem edificar, a revista que é, no teátro, o éco de todas essas hesitações, tem de ser evidentemente um genero de agrado.

Noutras eras, fazia-se uma por ano e chamava-se-lhe até: a revista do ano. Agóra fazem-se duzentas, três por semana e chama-se-lhes simplesmente revistas. De quê? De nada. Do que acontece de tarde, do que está para suceder á noite. E todos as fazem, quér saibam escrever quér não. Ouvi dizer que um revisôr dos carros de mulas era o fornecedor dum salão para as bandas do Intendente. Fá-las baratissimas: três mil reis, prosa e verso, e explica que aquilo não custa nada a fazer. Acredito e não me insurjo nem contra o revisôr que as escreve nem contra quem as apláude. A única dificuldade para quem traça uma revista e o busca fazer com probidade, está em procurar pôr-lhe um pouco de bom senso e de limpêza de escrita. Senão é facílmo: basta escutar o que dizem as pedras da calçada.

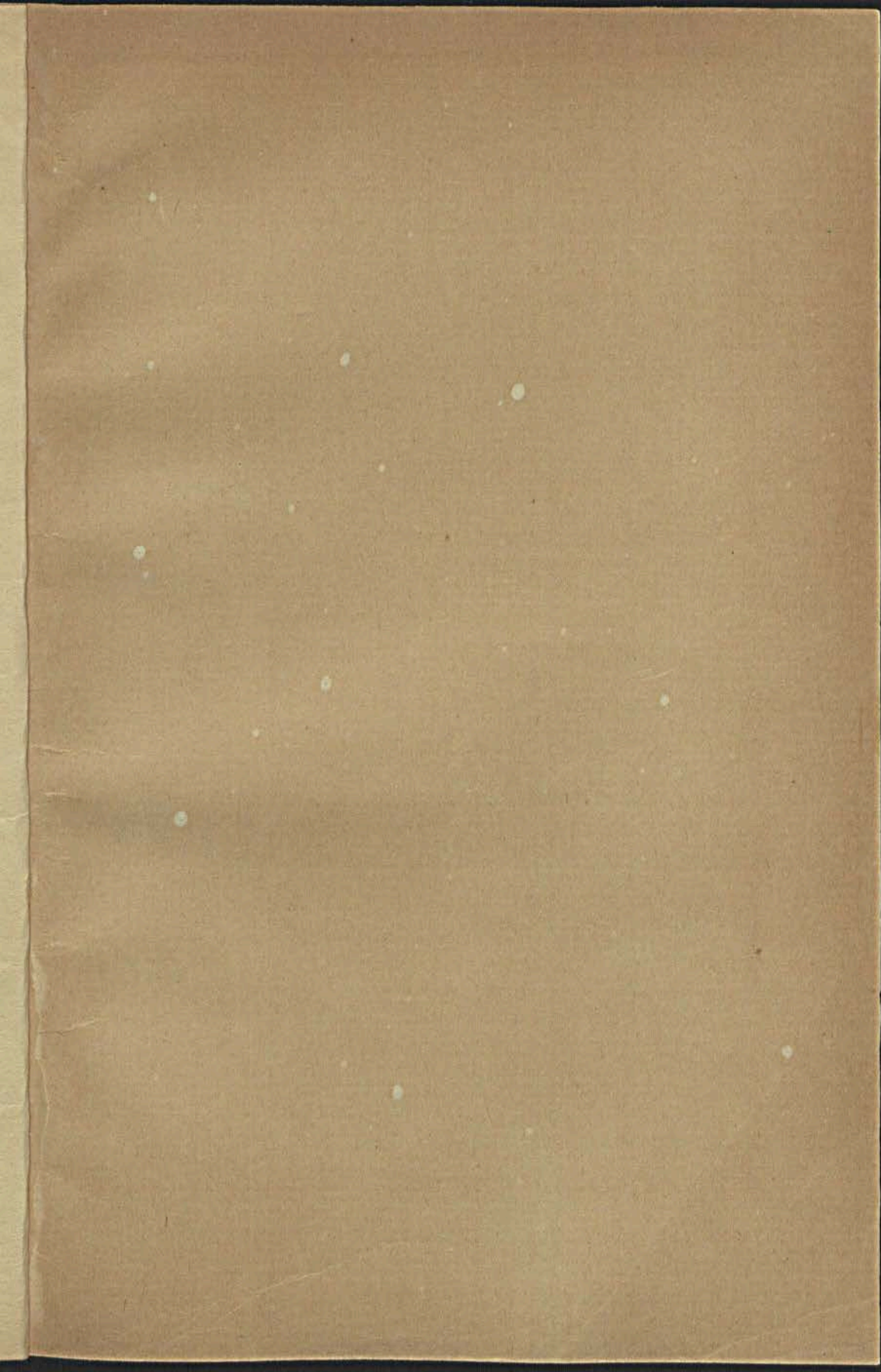
ANDRÉ BRUN.

## ❖ LIVROS ❖

A partir do proximo numero, será publicada nesta secção a critica, quanto possivel desenvolvida, daqueles livros de que nos fôr enviado um exemplár.

Só excepcionalmente publicaremos a critica de livros que não tivermos recebido.

Res  
2749

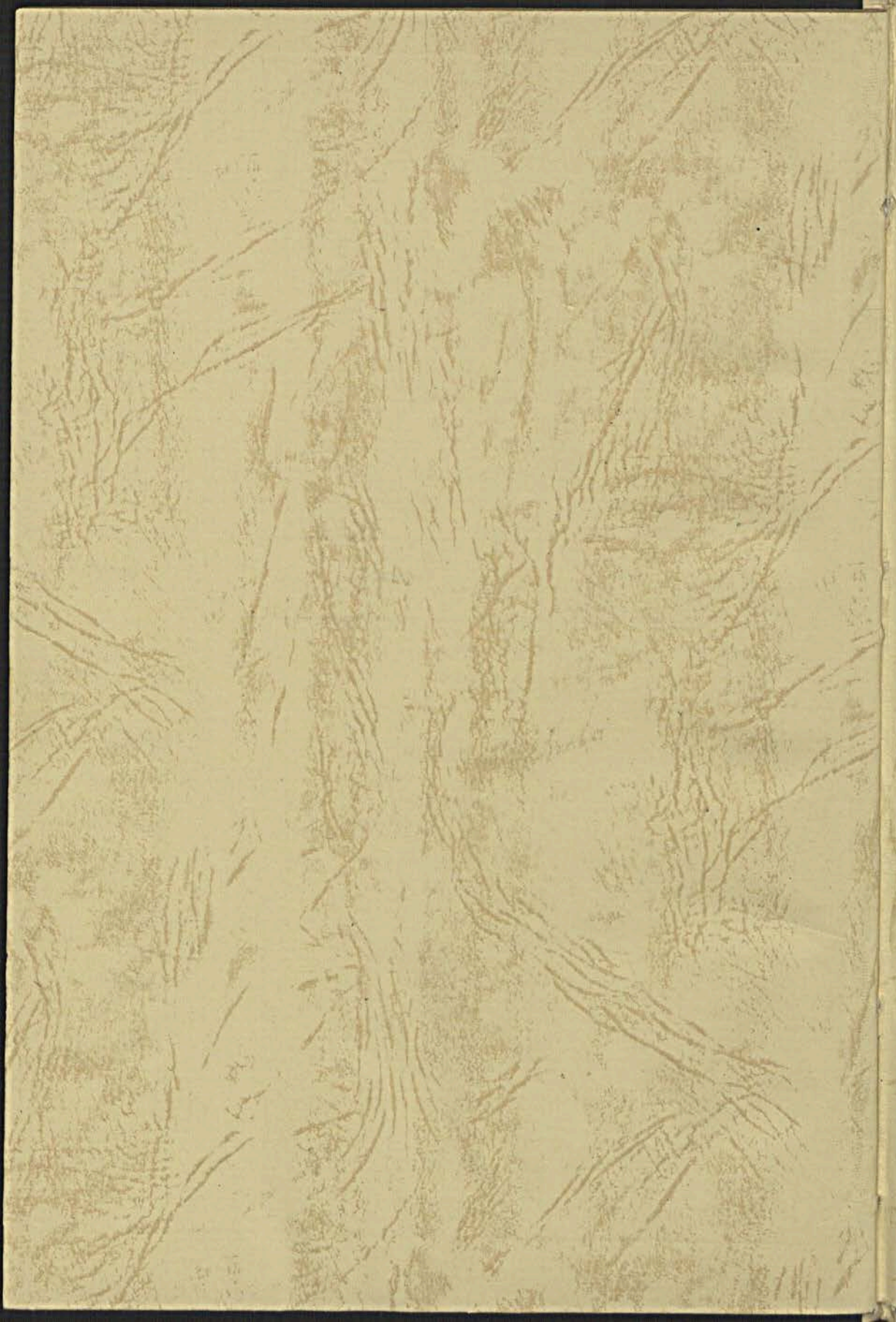


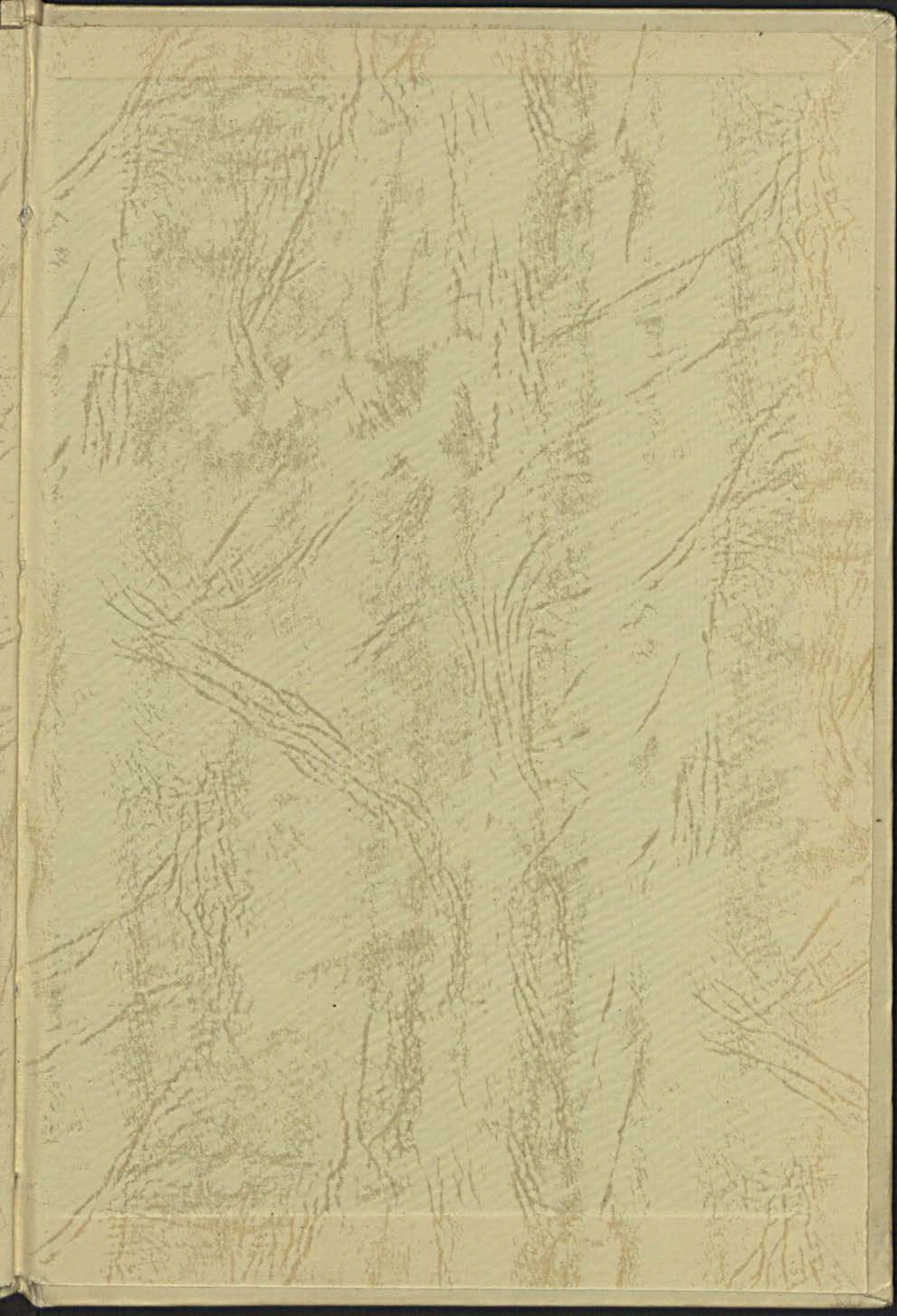
---

5 centavos

---









MICROFILMADO

3 / 4 / 84

AcSantos